

5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação fomos, inicialmente, motivados a refletir sobre os motivos que levam os adolescentes, a despeito de toda informação, a engravidar cada vez mais precocemente, que tipo de perda ou ganho eles consideram terem se somado às suas vidas após o evento da gravidez e quais as expectativas de futuro destes(as) jovens.

Ao longo do estudo apresentou-se, no entanto, um novo aspecto que anteriormente não fora considerado: Que as questões norteadoras do trabalho foram formuladas tendo como premissa a qualidade (imaginada) do serviço prestado a esses jovens durante os projetos a eles oferecidos, que envolviam palestras, filmes e grupos de estudos. Entretanto, é surpreendente como as idéias iniciais podem modificar-se quando disponibilizamos um canal direto de comunicação com os adolescentes.

Confrontá-los em sua intimidade, foi como colocar à prova a relação estabelecida, como foi citado anteriormente nesta dissertação, entre esta pesquisadora e o seu objeto de estudo. Especialmente, considerando que tencionava-se tratar de direitos, com jovens que parcamente conhecem os seus ou os dos outros ou, menos ainda, conseguem vê-los respeitados.

Apenas para ilustrar, os adolescentes, parte desta pesquisa, conhecem minimamente seus direitos. Sabem, por exemplo, que todos têm direito à vida, mas vêem pessoas morrendo diante de suas casas, das formas mais violentas. Sabem que têm direito à educação, mas conhecem como ninguém o tipo de educação que recebem. E assim sucessivamente, com outros direitos como saúde, lazer e etc.

De todos os direitos constitucionais, sobre os quais eles não têm qualquer controle, devido à idade e desconhecimento, devemos reconhecer que os únicos sobre os quais eles podem ter ainda alguma influência é à integridade de si mesmo como pessoa humana, cuidando

(ou não) de seu corpo e à autonomia sobre seus atos, a despeito de conselhos e/ou ensinamentos.

A este direito à autonomia estão diretamente ligados os direitos reprodutivos e os direitos sexuais, pois o nosso corpo é o lugar primeiro da nossa existência, é o lugar da nossa individualidade. Portanto esses direitos, reprodutivos e sexuais, devem se manter e avançar como parte de uma política de Estado, como meio de combater a violência sexual e doméstica e de garantir uma vida reprodutiva plena de igualdade, assegurando às meninas e meninos o direito a concepção e anticoncepção. Assegurando ainda, uma vivência da maternidade e paternidade com dignidade, bem estar e como expressão de uma sociabilidade transformada. A vida cotidiana destes adolescentes necessita de uma cidadania voltada para uma ética verdadeiramente centrada nesses aspectos imprescindíveis.

E devemos considerar que na vida cotidiana destes jovens adolescentes encontram-se imbricados outros aspectos, que não se apresentam a todos desta mesma faixa etária. Assim, constatamos que a estrutura social do mundo adolescente, que abriga uma multidão ansiosa, oscila entre dois pólos, num primeiro ele depara com a instabilidade determinada por suas mudanças psicobiológicas e a insegurança que seu ambiente social oferece e num segundo ele empenha-se na busca de uma situação mais estável que ofereça solidez e o auxilie na construção da sua identidade.

É necessário levar em conta que esta “situação estável” envolve a sociedade que também educa/deseduca eticamente, quando a mídia apresenta faces sadias e perversas, como se não houvesse diferença entre elas e expõe uma sexualidade desumanizada, e o adolescente, que convive numa comunidade onde a violência, nas suas várias formas, se apresenta cotidianamente, não compreende porque é que, segundo os conselhos (dos adultos), precisa cuidar de si e não fazer mal aos outros.

Entre as mudanças de hábitos dos jovens, da contemporaneidade, destaca-se a mídia, cinema, revistas e, particularmente a televisão, que cultivando o irreal, invade as casas, cultivando a fantasia e a violência, mudando as mentalidades e

restringindo a comunicação em família. Faz-se mister, portanto, considerar a mídia nesse aspecto, que parece viver um clímax publicitário pelo sexo, pela violência e pelo sofrimento contemporâneo. O adolescente, inconscientemente, vai absorvendo como uma esponja esses modelos sociais e sexuais, pois a despeito das conversas, dos cursos e das informações teóricas, o que lhes entra pelos olhos, eles são perfeitamente capazes de compreender.

A contemporaneidade, chamada era da globalização, inculca no adolescente a idéia de que o “novo” é sempre mais valioso que o “velho”, onde não se acredita mais na eternidade e nem mesmo no “longo prazo” das coisas. Idéia que é ratificada pela real necessidade de substituição dos objetos que se deterioram ou “saem de moda” muito mais rapidamente, por uma necessidade de mercado. O que nos remete à Bauman (2005, p.124) que considera a depreciação do “longo prazo” como um denominador comum das qualidades já perdidas, ou que segundo o autor, estão sinistramente escassas e ameaçadas de extinção.

Essa idéia, segundo constatamos, transfere-se muito facilmente para as relações pessoais, e aliada aos acontecimentos diários da vida comunitária, onde as repentinas mortes de forma violenta são freqüentes, pode estar conduzindo o jovem ao entendimento de que também a sua vida é volátil, ele não consegue enxergar perspectivas de futuro e, talvez, por isso ele sinta urgência de realizar, agora, coisas que poderia deixar para mais tarde em sua vida.

Deste modo, o adolescente com sua capacidade inventiva (ou reprodutiva), inventa e reinventa o relacionamento afetivo e surge o “*ficar*”, que na ética adolescente, significa não ficar, não criar vínculos definitivos, não ter compromisso com o amanhã. Assim, os adolescentes contemporâneos livram-se dos “pudores” de outras gerações. Pois quando *ficam*, eles ensaiam, descobrem, experimentam e conhecem sensações simplesmente “não ficando”.

Esta seria uma nova forma de relação, uma lógica dos tempos de rapidez em que vivem, onde, como cita Bauman, parece que os caminhos da eternidade e da humanidade se separaram, ou estão para

se separar. Assim, renomeiam os relacionamentos provisórios, que em outros tempos chamavam-se “amizade colorida”, porém, em nada modificando a antiga regra, que nada fique depois do “*ficar*”.

É preciso frisar que o “*ficar*”, no mais das vezes, significa nada mais que beijar uma ou duas vezes um rapaz ou moça, sem nem mesmo saber (ou perguntar) seu nome, como ficou explicitado anteriormente nesta dissertação.

Ao olhar adulto, esse tipo de conduta descompromissada do adolescente, confunde e preocupa, contrapondo-se às arraigadas noções sociais de relacionamentos seguros, estáveis e monogâmicos. Porém a pergunta que se impõe é: esta não seria também uma atitude “reprodutiva” uma vez que também os pais demonstram um descompromisso em relação aos filhos, tal como dos educadores em relação aos seus alunos, ou dos governantes em relação aos cidadãos e das pessoas em relação às outras? Apenas parece que o modelo se repete na conduta dos jovens que assumem, sem hipocrisia, que é bom *ficar*, sem compromisso.

Talvez, e só talvez, este seja um dos aspectos integrantes da chamada “crise adolescente”, que se relaciona com a questão da auto-estima. A maior parte dos teóricos descreve a adolescência como sendo uma etapa de crises, identitária, relacional, familiar, de auto-estima, de falta de sentido para a vida. A referência maior é a de que esse é um estágio atravessado por conflitos, dúvidas, inquietações e mal-estar. No entanto, Dumont (1985, p.64) afirma que certos comportamentos, tidos como tipicamente adolescente na nossa cultura ocidental moderna, não estão presentes em outros contextos sócios culturais. “*A passagem da infância à maturidade, vivenciada como “crise adolescente”, é um produto da nossa civilização.*”

Há que se compreender que as crises são enfrentadas por todas as pessoas humanas que estejam atravessando períodos de transformações intensas. Nesse sentido, pode-se compreender a crise da adolescência, posto que se dá em fase de crescimento. São desorganizações necessárias para uma conseqüente reorganização.

Toda crise nos coloca diante de emergências, enfrentamentos, superações, desafios. Como procuramos analisar ao longo dessa dissertação.

Algumas crises, que parecem estar na ordem das coisas e do mundo, atingem o sujeito adolescente tanto quanto as que ocorrem mais proximamente em sua casa ou sua comunidade e somadas às crises próprias desta fase de crescimento, podem estar causando uma revolução de comportamentos e atitudes que prejudicam não só o adolescente de hoje, como atingirá o adolescente do futuro. Pois a interação homem, meio ambiente e cultura é inevitável, como já nos mostrou Arendt, quando considerou: “(...) *A cultura impõe suas marcas inclusive nos corpos dos sujeitos.*”

No caso do grupo pesquisado para este trabalho, podemos considerar esta declaração de Arendt como *literal*. Assim pudemos afinal avaliar até que ponto pode-se considerar relevante a influência do ambiente em que vivem e do seu nível educacional precário, no aumento da incidência da gravidez entre os adolescentes da comunidade pesquisada.

A dinâmica comunitária foi claramente detectada como um fator de relevante influência no comportamento das meninas e meninos, pois todos os entrevistados, mesmo afirmando o contrário, ao serem perguntados sobre a reação das famílias, dos amigos e dos vizinhos, todos sem exceção, declararam: “(...) *Normal, quase todos(as) os meus amigos(as) já tem filho.*”

Outro aspecto que destacamos ainda do contexto é a educação, sobretudo o acesso à educação de qualidade. O nível educacional é precário, e mesmo aqueles que têm alguns anos a mais de estudos, têm grandes dificuldades com leituras e interpretações. O que pudemos conferir diante das dificuldades que tiveram para compreender as perguntas do questionário da pesquisa, que tiveram que ser reformuladas a fim de que compreendessem. A precariedade do ensino que receberam aliados aos poucos anos permanecidos nos bancos escolares, também foram considerados fatores relevantes nesta

investigação, uma vez que a dificuldade de interpretação dos jovens apareceu como um dos aspectos mais impressionantes das entrevistas.

Nesse sentido, pode-se compreender a dificuldade destes jovens de apreensão da própria realidade, uma vez que não podem contar com o auxílio luxuoso de uma família instruída, e também não contam com a eficiência de uma escola consciente de sua verdadeira missão junto a esses jovens. A missão da escola deve ser estimular o adolescente a ser saudavelmente independente, para que desenvolva e enriqueça sua expressão pessoal e sua imaginação, o prazer pela ação criadora. Portanto, sua tônica deve ser a de abrir esta pessoa em formação à compreensão das necessidades vitais do ser humano, priorizando o amar e o fazer-se amar; o pertencer e o dar-se; o respeitar e o fazer-se respeitar.

Sem esses pré-requisitos é difícil construir projetos pessoais, que lhe possibilitem reconhecer-se como alguém de valor. O jovem que se retira da escola precocemente, o faz por desinteresse (devido ao pouco estímulo) ou por considerar-se incapaz de acompanhar os ensinamentos escolares, como numa auto-desvalorização. E todos os entrevistados, sem exceção, o fizeram sem projetos, ou seja, nenhum deles abandonou os estudos porque precisava trabalhar ou tencionava empreender qualquer atividade que lhes garantisse um futuro. Sem projetos, parecem ficar sem motivo para valorizar a si mesmo e à vida. Esta auto-desvalorização, repassa-se ao outro nas suas relações pessoais.

Algumas entrevistadas citaram seus filhos como uma “coisa” só sua como na fala de TT(18 anos): *“ah!... eu sempre cuidei do meu irmão, mas esse filho não... esse filho é uma coisa só minha... esse é meu, não tem pai, não tem mãe, não tem tio, ninguém se mete.”* É como se a necessidade de “ter”, desses adolescentes, superasse a verdadeira essência do que seja “ser”, uma vez que a maioria deles, após o nascimento deixa seus filhos aos cuidados dos avós.

As atitudes individuais dos adolescentes são condicionadas dentro e fora dos seus lares, pela família e pela sociedade que tem passado por mudanças estruturais profundas. As novas regras do jogo social já aceitam melhor a sexualidade na adolescência, o sexo antes do casamento, a brevidade das relações interpessoais, e também a gravidez na adolescência. Portanto, estão diminuindo os tabus, as inibições e os estigmas e a atividade sexual e gravidez na adolescência aumentando.

Embora cada caso seja singular, algumas atitudes podem ser repensadas. Talvez devamos ser mais transparentes, verdadeiros conosco, com nossas práticas, já que funcionamos para eles como espelhos. Evitando resvalar para a hipocrisia adulta, que nos faz parecer “perfeitos”, podemos contatar nossos sentimentos e avaliar nossas ações (inclusive as relacionadas ao sexo), para enfim estabelecer relações mais claras com os adolescentes. Porque, sem culpa e sem fragilidades, precisaremos estabelecer os limites que se fazem necessários, não por imposição, mas em cumplicidade com o adolescente. Nisso não temos que PARECER seguros, apenas temos que SER o que somos.

Fica evidente a importância tanto do contexto familiar como do social, que devem ser facilitadores do processo de desenvolvimento. Inquieto em seu “adolescer”, o jovem das classes menos favorecidas, se depara com a falta de lei dos pais e da comunidade em que vivem, e percebem que muitos adultos não sabem como agir nesse mundo pós-moderno. Assim, sem a ordem da casa, com uma grande “liberdade” e num contexto de muita insegurança, o que lhe servirá de bússola? Como nós adultos, pais e profissionais podemos construir um “ambiente facilitante” e não complicador de seu crescimento?

Ao avaliar as falas e o comportamento dos jovens entrevistados, ficou claro que torna-se, para eles, muito difícil não aderir aos costumes e atitudes dos convivas. Ali o terminar da adolescência não se dá com o terminar da escolaridade, mas com atitudes que os fazem mais igual entre os iguais, que podem compreender: abandonar a escola, conseguir um trabalho, iniciar o uso de drogas, entrar para o tráfico local,

iniciar a vida sexual, engravidar ou engravidar alguém. Estas atividades, não são “compatíveis” com a adolescência, mas podem automaticamente fazer o jovem sair dela.

Faz-nos pensar que o aumento da incidência da gravidez precoce nas classes menos privilegiadas por mais informadas que sejam, pode estar surgindo como o que me atrevo a denominar de “*ritual de passagem pós-moderno*”. Pois por pior que sejam suas condições sócio-econômicas e a despeito de toda dificuldade que possam vir a enfrentar, incluindo aí “as dores do parto” (citada por muitas das entrevistadas) e o descontentamento da família, consideram ainda que os ganhos sejam maiores que as perdas. Entre estes “ganhos” está sem dúvida incluída a condição de “adultos”, adquirida com a maternidade/paternidade.

Segundo estudiosos, mesmo em sociedades cujo ritual de passagem se caracteriza por intenso sofrimento físico ou psíquico, os jovens demonstram desejos ardorosos de se submeterem aos mesmos. Isto pelo significado que representam em termos de aptidão, dignidade, consideração e aceitação pela sociedade adulta. Tais rituais possibilitam-nos exibirem-se a si e aos demais parceiros e adultos, favorecendo o desenvolvimento do sentimento de segurança, de auto-estima e de confiança. O que pode abreviar a resolução psicológica da crise juvenil.

Na realidade das comunidades, mesmo os ritos mais simples como as primeiras comunhões ou as cerimônias de aniversários de 15 anos das moças e de 18 anos dos rapazes, tornam-se a cada dia mais raros. Em primeira instância por que nestas idades, grande parte dos adolescentes (meninas e meninos) já se encontra em situações que, segundo os pais, “não merecem” mais a realização da cerimônia, como já serem pais ou mães ou já estarem fora da escola e/ou sendo integrantes do tráfico ou mesmo por já estarem mortos.

Em Segunda instância, por que estes rituais sociais espontâneos estão distorcidos em função do mercado consumidor e independente do grande prazer que possam proporcionar aos jovens e aos pais, são muito dispendiosos e exigem gastos que as famílias não conseguem custear. Assim, cabe ao próprio adolescente delimitar a idade em que “gostaria” de realizar a transição da fase adolescente para a fase

adulta. O que Almeida (2003, p.15) ratifica quando diz que a complexa sociedade contemporânea, deixa ao próprio jovem o encargo da realização da tarefa que era desempenhada pelos rituais. E o autor se pergunta, assim como eu, se as mudanças contemporâneas, na concepção de indivíduos, não poderiam levar nossos adolescentes a buscar essas práticas coletivas, não mais impostas pela tradição, mas auto-engendradas por eles mesmos.

Observando as situações que se sucedem até se transformarem em estatísticas precisamos considerar duas coisas, em primeiro lugar, que é necessário admitirmos que podemos também aprender muitas coisas com os adolescentes. Em segundo lugar que é preciso internalizar uma maior abertura e disponibilidade ao diálogo, para compreender como vivem sua sexualidade, sob que ética o fazem e como inserem sentimento nessas práticas e que sentimentos são esses. Para isto, é preciso facilitar, provocar, abrir canais de comunicação e acolher o que deles procede como iniciativas válidas. Ouvir suas idéias e incentivar seus projetos é o respeito que lhes devemos.

No momento em que nossa percepção e posição conseguir admitir uma dialética “real” entre o adolescente e o adulto, talvez consigamos também juntar as condições, objetivas e subjetivas, que geram as realidades sociais desses adolescentes, pois ambas possuem a mesma ordem de importância no bojo das transformações sociais.

E para produzir uma transformação social que auxilie o adolescente contemporâneo, será necessário admitir que a defasagem do sistema educacional público, não tem deixado escolhas válidas a estes jovens, que sem compreender bem o que fazem e sem capacidade de apreensão ou interpretação do real, têm contribuído, involuntariamente, com a deterioração da infância e adolescência brasileira. Auxiliados pela omissão do Estado que, voluntária e conscientemente, ignora suas obrigações nesta empreitada, insistindo em tratar o assunto como um

“problema” restrito à área da saúde e esquecendo-se da educação e da desigualdade social.

Consideremos que, para além do fenômeno da incidência da gravidez na adolescência, o que nota-se, é também a má preparação destes jovens para o futuro, o mercado de trabalho, a vida a dois, a criação dos filhos, enfim, para a vida social como um todo. Não apenas por sua pouca idade, mas pela defasagem na sua educação e pela interrupção dos estudos, que raramente retomam após a maternidade/paternidade, o que diminui sobremaneira suas possibilidades de construir um futuro melhor para si e para seus filhos.

Após observar e ouvir os jovens estudados constata-se que quanto menos se investe nas áreas da afetividade e do conhecimento, maiores são as chances de que prevaleça o prazer da sexualidade agressiva em detrimento da relação afetiva.

Afinal é necessário considerar as palavras de Fabíola Rohden (2002), quando profere a máxima:

“Só conseguiremos entender o evento da gravidez na adolescência se, por um lado, inserirmos este problema em cada contexto social e se, por outro, considerarmos o impacto que tem nas trajetórias biográficas de cada sujeito.”
(ROHDEN, 2002, p.167)